**Vilmondes Cândido Rosa**

Uberaba – Minas Gerais

2014

✉vilmondes@candidoempresarial.com.br

# PREFÁCIO

Talvez sejamos meros personagens de uma grande história chamada vida. Vida que se compõe de outras tantas histórias. É como um viajante que resolve conhecer o mundo sem um roteiro pré-definido e a cada estação, a cada parada, descobre um novo jeito, um novo cheiro, um novo gosto...

É fato que não nos desfazemos totalmente daquelas "velhas" raízes herdadas de nossos antecessores, mas, ao longo da viagem, descobrimos novos princípios e damos novos significados a termos até então imutáveis.

Por fim, podemos às vezes nos encontrar À MARGEM... Pode ser ruim ou não, pode trazer dor ou não, mas com certeza nos torna parte de algo ou de alguém, e isso nos mantém!

*Stephanie Danielle de Almeida*

**SUMÁRIO**

Prólogo ..... 7

Capítulo 1 - As profissões ..... 15

Capítulo 2 - A prisão ..... 35

Capítulo 3 - A fuga ..... 40

Capítulo 4 - Sílvia ..... 54

Capítulo 5 - Dona Claudete ..... 61

Capítulo 6 - O consorte ..... 74

Capítulo 7 - O primeiro amor ..... 80

Capítulo 8 - A ascensão ..... 90

Capítulo 9 - Os Castro Pessoa ..... 100

Capítulo 10 - Os filhos ..... 109

Capítulo 11 - O reencontro ..... 117

Capítulo 12 - O cheiro... ..... 125

Capítulo 13 - O milagre ..... 129

Capítulo 14 - A história por detrás da história ... 139

Capítulo 15 - O primeiro encontro ..... 151

Capítulo 16 - O segundo encontro..... 155

Capítulo 17 - Sobre mim ..... 162

Capítulo 18 - Sobre Antero ..... 165

Capítulo 19 - O segredo de Antero..... 174

Capítulo 20 - Sobre o destino..... 181

Capítulo 21 - Os documentos ..... 187

Capítulo 22 - Se não voltasse ..... 191

Capítulo 23 – Valores..... 197

Capítulo 24 - O Golpe ..... 203

Capítulo 25 - É a vida..... 210

Ainda hoje ..... 214

Glossário..... 217

## Prólogo

Ele pode sentir gritos indo, fugindo, ruindo por entre as galhas da primavera...

Um ser cantarolando para si mesmo... Do amor no seu país, da sorte de existir, da desordem de viver, do forte sentido inquieto de desobedecer...

A vida! Fora sem graça por não ter um dia o leite derramado... Ainda um sonho, fechado, legendado, sem fagulhas, sem tambores nessa noite que se sentiu velho... Protagonista de um conto diferente, ardente em pecados, um rastro, um riso, um gemido. Essas foram suas últimas frases lidas naquele dia.

Fechou o livro de cabeceira, não o seu, não acreditava em palavras de livros, apenas deixou de lado o escrito de quem ali esteve pela última vez. Se conduzia como quem não se importa, embora se comportasse como um dependente da sorte à espera da morte.

Sentiu vontade de acender um cigarro. Não o fez. Não fumava, nunca fumou, não sabia o gosto que tinha um cigarro. Conhecia o cheiro do cinzeiro. Esse sim lhe trazia desespero, ânsias, aflição, angústia, sensação de aperto, tormento de espírito e de alma, sentimento de expectativa e incerteza. Nunca comprara um cigarro, não havia cigarros a distância de suas mãos, não acendeu, não se deu a esse mal. Já lhe havia cessado o tempo de novos experimentos. Compôs-se e imaginou, ficou olhando a fumaça que subia até o telhado e no alto se perdia nas esquinas do teto.

No quarto tudo era perto da poeira de resto, dos retratos e dos afetos. Por onde os olhos foram, em tudo um leve toque de descuido. Percebeu o cigarro chegando ao seu fim, o calor aos poucos toca seus dedos, os mesmos dedos que por distração afagavam os lençóis retorcidos. A noite indo e o dia vindo, o Sol mal-educado cuspia seus primeiros raios na janela, o céu não definia se chovia ou só refletia o que os homens chamam de dia.

O dia deveria ser festivo, foi criado para isso. Afirmava um amigo, melhor, um conhecido. Amizade é outra coisa, melhor nem dizer o que é uma amizade de verdade!

Um homem se sente só quando deserta, nem sempre a madrugada é discreta, é festa, mas pode ser o que resta.

Existia uma porta entreaberta, não a de saída, não era a porta de entrada, o fato é que a porta que dá para o banheiro permite um cheiro diferente, distante, presente, frequente, intermitente. Não é cheiro de sabonete, cheiro de chuveiro, nem cheiro de pasta de dente, não era cheiro ardente, não trazia nada à mente, não avisava o gosto como o cheiro da flor, diferente de cheiro de gente. Talvez cheiro de fosso.

O olhar era incerto, era firme, foi reto, olhar esperto fitando a janela à frente. Olhar de quem sente o momento, o seu e do seu jeito.

A solidão sempre vem acompanhada de um rosto, de um mês no começo, ou no fim de outro, a solidão por perto, muito perto do tempo por desafetos. Pensamentos, bailados complexos, de passos precisos envoltos por tecidos finos, de cores, de brilhos, de requinte íntimo. De um pedido de foge comigo, de uma promessa de lhe dedicar todos os versos de uma vida.

Por um tempo observou a foto. No fundo do retrato o luar refletido na areia, há tempo ninguém se deitava em seu leito e se demorava ali.

O despertador tão maldito quanto lúdico, parecia com um jogo, um brinquedo, uma brincadeira sem graça, que tinha o divertimento acima de qualquer outro propósito. Parecia rir de sua cara, fazendo algo simplesmente pelo prazer em fazê-lo, de gozá-lo diante do nada, do vazio, de ninguém, relógio esse que não fazia nada de artístico ou de erótico aos seus ouvidos, nessa cidade de ruídos.

Vivia agora o gosto amargo da idade, de sua origem comum, trazia o jeito de novela reexibida. Reprise de TV.

Que bom se alguém abrisse a porta, quando se de longe é, não é de voltar. Voltar seria contradição. O fim só tem um sim. A razão ao dia trai, o músculo contrai quando a alma trai, assim mais um dia se vai, e vai, chorando ao nascer, trazendo o imenso cenário dos dementes. Podia afirmar, com muita contundência, com muita veemência e muita dor, que por trás das paredes estão os temores dos olhos, visão do que cria e descria, no asfalto o trilho das quatro estações se despiam à luz do dia.

Antes de se levantar olhou para os pés e as mãos, recheio de sua flacidez. O tempo é algoz da vida, carrasco, verdugo, responsável pela execução do corpo condenado à morte, às torturas. O tempo é indivíduo cruel. Desumano tempo! Tempo que se fez capaz de realizar atos abomináveis, terríveis, sem paixão danificou a toda e qualquer substância do chamado humano.

Dos temores que tinha, se fez um conhecedor, sabia e muito, sentia que não era capaz de conter a língua do espelho, esse sim se portava como um adolescente armado com uma faca nos dentes. Sua experiência lhe mostrara que os homens vão sempre para baixo diante de um espelho após sua mocidade, é preciso propósitos sólidos para convencê-los a desobedecer ao que se vê no espelho.

Surgem as lembranças trazidas por uma velha conhecida. Umas gotículas desgarradas brincando de forma desprotegida com os poucos raios de Sol: lindas, todas, são lindas elas!

Como de costume, costume que veio de muito longe, para ser mais preciso desde os quinze, nessa idade já se desfazia da barba. O que era quase uma verdade, se não fosse uma fase de sua vida que usava da barba como artifício, um charme. E tinha quem apreciasse! Isso se deu nos tempos dos fios pretos, com o surgir dos primeiros grisalhos se agarrou à prática de cortá-los todos de uma só vez, todas as manhãs o fazia.

O perfume, o mesmo, fazia questão do cheiro que tinha. Trazia o mesmo cheiro a trinta anos ou mais. Foi um companheiro de escola quem lhe disse da marca, se gabava do sucesso que tinha com as garotas, atribuía parte ao perfume, cheiro que nunca enjoa. Cheiro bom é o que fica no depois e por horas ecoa nos pensamentos à toa, eleva os momentos que passaram, fica na pele, no pelo é como um apelo. Difícil de ignorar, faz o dono se sentir cheio de charme, encantador, um sedutor, um feiticeiro fascinante. O bom perfume é uma das armas de todo amante. Perfume bom faz lembrar os amores imperfeitos. É bom relembrar quando se sente triste ou ausente.

O guarda-roupa não se gabava de possuir tantas opções, não se fazia necessário se demorar diante das opções, mesmo em tempo de calor se acostumara com as cores escuras, os ternos vieram por força da profissão.

Sempre vestia ternos. Dizia ter mais de seis modelos em sua casa, só não usava terno e gravata para dormir. Alguns conhecidos brincavam. Se morrer, não vai dar trabalho para ninguém! É só pegar e empurrar para

dentro da urna funerária. Já estava pronto. Frase que não lhe fazia rir, como não tinha graça o ato ou dito espirituoso e inofensivo acerca de seu chapéu, tudo não passava de uma pilhéria, mas não lhe provocavam chiste essas facécias.

Hora de sair em busca das atividades do dia a dia, às vezes essas atividades eram realizadas sem determinado fim nem propósito, outras vezes parecia fazer sentido o que fazia. Ao sair lia na porta a idiota frase que dizia " O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário ".

Para fazer o seu trabalho, não era necessária muita experiência, mas era preciso ter experiência para se fazer um bom trabalho. Claro que o terno ajudava muito. O tempo o livrava dos descuidos.

## Capítulo 1 - As profissões

Quando criança, Antero viu um filme fascinante, intrigante, elegante, apaixonante aos olhos de um adolescente de treze anos. O filme era um brilho só, pareceu assim seu começo de vida.

O filme trazia um protagonista perfeito: um detetive inteligente, charmoso. Charme é o sonho de toda espécie imperfeita, no caso, os homens. O então agente usava ternos exclusivos, finos, deveria ser de linho ou coisa parecida. Se não fosse melhor! Foi paixão que não passou nem o deixou em paz. Até os vinte esse foi o melhor filme que assistira, um cara cheio de truques, com uma maldade sutil voltada para um bem maior, cheio de piadas que fazia a vida ter graça. Como um coração que possui cinquenta vidas. Nasceu em Antero ainda garoto, o desejo de ser um detetive particular. O que pode ser mais fascinante que vigiar a vida dos outros?

O pai, homem de tradições, não abriria mão. O filho único precisava de uma profissão. Um homem tem que possuir uma profissão. O homem sem profissão pode ser quase tudo, mas não terá nada!

Aos quatorze anos de idade, Antero conheceu um tio que morava na cidade grande. O tio foi vencedor. Tinha profissão! O homem era alguém de condição, posição, tanto que a cada ano se dava ao luxo de visitar seus antecedentes no interior do Estado, e para completar a provocação o fazia em seu próprio carro, um puro e original fusca meia-meia, de cor bege.

O tio de Antero tinha muita expressão no lugar em que nasceu. Não nascera com ela, é claro! Mas por ser o nono de uma família de nove sobreviventes que fez diferente, ele a recebeu. Foram dez crias, das quais dois sofreram de má-formação ainda na gestação, por causa dela tornaram à terra de onde vieram. De vez, só uma vez, ao pó tornaram. Não estão sós. Um dia após o outro, um fazia companhia ao outro, no frio, de janeiro a janeiro. Na primavera as flores cobriam até o topo das cruzes, e essas

lhes serviam de apoio; assim as sementes seguiam sobrevivendo até outro alvorecer as receber: nascem, crescem, florescem, desobedecem e morrem. As dores existem para quem as sentir, por vezes é preciso desistir delas e seguir!

Foi o nono filho que nos tempos difíceis decidiu se mudar para a capital em busca do diferente, do novo, do atraente. Levou consigo uma velha mala emprestada. Velha mesmo! Objeto que nunca pode devolver, não por esquecimento, ingratidão ou qualquer outro desleixo, mas por necessidade a mala foi trocada por um sanduíche de mortadela. Às vezes se tem fome, e é fome de comida. Nesse caso o corpo engana a razão e pede um pão ou um prato de feijão.

O moço se foi com um par de botinas desbotadas nos pés, no direito um riscado feito por um espinho arranha-gato, no esquerdo um rasgado deixava vergonha ao portador, levou também o peso do pó da estrada em suas ventas.

A estrada é a mesma que na mocidade leva a alma da rapaziada, deixa as saudades nas madrugadas, nos corações das mães e das mulheres amadas, deixa o frio no leito dos que sobraram, dos que restaram, dos que não se dobraram a ela. O tempo passa e nenhum bom anjo vem anunciar seu regresso, sua chegada, não se sabe o que se deu, se tudo está certo, se foi correto o feito, se houve afetos ainda que discretos, ou se apenas a solidão e os olhares discretos estiveram por perto. Sonhos. Quem nunca teve um sonho para sonhar!

Na cidade grande conheceu um alfaiate da velha guarda. O alfaiate o adotou como herdeiro de profissão, o dito homem não tinha filhos nem filhas. Ensinou ao moço o que pôde, enquanto pôde, e o que coube nos poucos anos que lhe restaram nessa vida, já que a morte lhe espreitou ainda cedo. Em seus últimos dias, não se reteve, não teve tempo para sentir solidão. Bebeu e amou tudo que a vida lhe prometeu e não deu! Há tudo chamava de amor, mesmo se não fosse seu. Na hora do adeus não relutou por seus feitos, não exaltou seus defeitos, não reclamou do que reteve enquanto esteve aqui, nada suplicou, não pediu

mais dias debaixo do Sol, apenas saiu dessa vida de cabeça erguida, como se essa fosse apenas mais uma despedida de dia. Deixou ao seu aprendiz a recomendação de não desperdiçar o que fez enquanto aqui esteve.

Quando se foi, o alfaiate deixou um ponto comercial na rua Augusta, um nome e um renome para o tio de Antero. Coube a esse apenas dar seguimento aos seus sonhos de grandeza. Foi assim que se tornou alguém na vida. Alguns dizem que possui até um cliente famoso, um desses atores da Globo. E era mesmo dos grandes, um protagonista nato, possuía até dois nomes, o primeiro era de batismo e o segundo artístico. Só uma dúvida ficou sem resposta. Ninguém jamais soube, nem saberá se o tio conquistou o cliente ou se herdou esse importante freguês do antigo alfaiate, o seu Augusto. Augusto significa, “sagrado”, “consagrado”, “sublime”, “elevado”, se veio antes ou se depois da reforma e da nova pintura nas paredes, não se sabe. Vieram novos tempos e novo nome é óbvio**.**

O nome do tio de Antero era Tito, que significa “pai”, “honrado”, “respeitável”. Um bom nome. Você não acha? Não, não e não, isso era o que pensavam os amigos do clube de cartas. Tito não era um nome apropriado para um alfaiate da rua Augusta. Não mesmo! Foram várias sugestões, noites e noites de discussões, boas discussões, é claro, pois todas eram regadas com muito vinho do porto. Os negócios nesse tempo caminhavam muito bem obrigado! Qual seria o nome ideal para um alfaiate de sucesso da rua Augusta? Enfim a escolha. Ariel. Ariel era o nome perfeito, não por causa do significado, é claro, significado esse que era de origem hebraica, "leão de DEUS" ou "leão do SENHOR". A escolha se deu por causa da sonoridade do nome. Poderia ser *Ariel o alfaiate* ou, simplesmente, *O alfaiate Ariel*.

Tempos depois da morte do alfaiate Augusto, invejosos afirmaram que uma mulher aparecera no estabelecimento à procura do antigo dono, trazia nos braços um rebento de olhos claros e firmes, como eram os olhos de Augusto. O filho do alfaiate seria fruto de um caso por acaso, um ficar de noite fria seguido de descaso,

filho de um descuido, como são muitos pelo mundo. Por direito, o menino seria o herdeiro de tudo que Augusto construiu enquanto viveu. Inclusive da nova pintura! Esses detalhes estão escritos nos registros da lei. Um filho é herdeiro legítimo de tudo que seu pai lhe deixar. Dono de quê? Dono de nada, já que os documentos lhe faltaram no momento da audiência final. Ariel na audiência era Tito, já que no tribunal não podia usar seu nome artístico. Bem que tentou, mas juiz é juiz. Teve que contentar com Tito mesmo. O pior foi decidir entre o certo e o errado. O homem jamais saberá decidir entre o certo e o errado, se um dia soubermos essa resposta não seremos mais humanos.

Tio Tito reteve em sua boca o gosto amargo da resposta, gosto de suas próprias palavras. Palavras duras, pois sabia do sonho do amigo Augusto. O Alfaiate sonhava com a paternidade, sonho esse confessado duas ou três vezes antes de sua despedida. Ser pai é existir depois da morte!

A moça que surgira no estabelecimento de Ariel aparentava bem jovem, uma amante de muitos amores, uma menina de quarto colorido, mulher de parede sem beleza, mulher de lugar em que os homens não se demoram após se deitarem. Parecia ser uma moça sem sonhos, alguém sem ter com quem conversar sobre seu dia, ou dividir uma conta de gás no fim de cada mês. Mulher que vê a tristeza nas canções de poucos acordes. Não precisava muito para contar sua história. Com o próprio corpo alimentava sua cria que sorria, pois nada entendia. Não se importava de onde vinha o que lhe provia dia após dia.

A moça não se parecia com essas bandidas que existem para se divertir!

Em uma de suas visitas ao interior, o tio de Antero confessou à tia irmã de seu pai o desejo de levar o garoto para trabalhar como aprendiz de alfaiate.

Seria bom ter alguém seguindo seus passos, um após o outro. O trabalho de um alfaiate era bom e bem visto nos anos sessenta. Usar ternos e cuidar deles ao